

VELHICE, GÊNERO E VIOLÊNCIA

Wilka Barbosa dos Santos

Universidade Federal da Paraíba

wilkabarbosa@hotmail.com

Resumo

O trabalho tem como objetivo realizar uma análise bibliográfica em torno da violência de gênero que pode se fazer presente no envelhecimento feminino no âmbito da saúde. O Brasil é um país que, durante anos, foi apresentado como um país jovem, porém, estatisticamente, é possível perceber uma queda significativa da taxa de fecundidade, contribuindo para o envelhecimento da população. Diante desse contexto, a feminização da velhice é uma fato que tem ganhado visibilidade, o que não significa dizer que as mulheres idosas não tenham do que reclamar. A violência de gênero tem crescido muito na sociedade, em todos os ciclos da vida, no entanto, essa temática perde ênfase na velhice, deixando esse público ainda sem voz. Metodologicamente, o interesse em refletir em torno dessa temática surgiu a partir de uma pesquisa realizada no serviço secundário de saúde em João Pessoa, no entanto, o ponto central do artigo é pensar a base do service de saúde, isto é, o PSF, haja vista recebe mais usuárias. Com a sala de espera permeada de mulheres idosas e conversas informais umas com as outras, sempre surgiam discursos que poderiam pensar aviolência, mas não necessariamente uma violência de gênero. Com isso, houve o questionamento: será que as idosas não sofrem violência de gênero? Então, a partir de análises bibliográficas foi possível perceber que existe e que o campo da saúde, com demais espaços sociais, não se sentem preparados e/ou responsabilizados para dar determinada (in)formação as usuárias.

Palavras-chave: Envelhecimento, Violência de Gênero e Saúde.

Introdução

Embora o Brasil tenha sido apresentado, ao longo da sua história, como um país jovem, há um tempo as estatísticas indicam que essa suposta “juventude” não mais coincide com a estrutura etária da população do país. Em conformidade com as informações apresentadas pelo Censo de 2000 e 2010, a “pirâmide etária” da sociedade brasileira vem certificar uma queda significativa na taxa de fecundidade, a qual contribui para que o Brasil esteja em um importante processo de envelhecimento. Com as estimativas frente à faixa etária, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE demonstrou, ainda, que é possível perceber uma diferença na expectativa de vida de mulheres (77 anos) e homens (69 anos).

Embora o envelhecimento venha ganhando cada vez mais espaço na sociedade moderna ainda é possível perceber nas teorias e práticas sociais que alguns grupos são mais “privilegiados” do que outros no momento de pensar em ações políticas, resultando num esquecimento ou invisibilidade da velhice. (BRITTO MOTTA, 2009).

Quando optamos por pesquisar o envelhecimento feminino no contexto do Programa Saúde da Família – PSF, é relevante justificar que determinado campo de pesquisa se torna interessante por ser frequentado, na sua maioria, por mulheres idosas. No entanto, geralmente, os PSFs desenvolvem atendimentos direcionados as doenças de longa duração, como: Diabetes e Hipertensão, deixando a desejar sobre as demais temáticas que também acometem determinado público, por exemplo, câncer de mama, depressão, câncer de colo do útero, sexualidade, violência, etc. (ANDRADE E FRANCH, 2012).

Esse contexto fica evidente em alguns estudos já realizados. A título de exemplo, Scharaiber et al (2002) demonstra, em seu estudo sobre a violência contra a mulher na atenção primária de saúde em São Paulo, que a violência de gênero tem crescido muito na sociedade e ao mesmo tempo os serviços de saúde também estão sendo cada vez mais usados, contudo, a violência não aparece nos diagnósticos das usuárias destes serviços.

Concordando com a autora, pensar a violência de gênero no campo da saúde é importante, pois é um espaço que tem grande contato com as mulheres, podendo proceder nessa discussão a partir da dinâmica já existente na atenção primária, a qual é: acolher as usuárias do território próximo, diagnosticar seu problema por meio de exames e diálogos e encaminhá-las para o serviço secundário/especializado mais adequado.

Ferrante et al (2009), por sua vez, também corrobora com a ideia que o campo da saúde é um dos espaços que tem legitimidade para discutir violência de gênero. No entanto, ao pesquisar as opiniões e posturas assumidas pelos médicos na cidade de Ribeirão Preto/SP, o mesmo discute que determinados atores sociais não concordam com esse pensamento. Segundo os médicos entrevistados, a violência de gênero é algo que pode aparecer no âmbito da saúde, mas que não cabe a saúde tratar do assunto, pois além de correrem riscos, as Instituições não têm estrutura, os profissionais não são capacitados e, acima de tudo, não sabem até que ponto as mulheres falam a verdade em suas consultas.

A partir dessas informações apontadas em trabalhos já realizados, como também o de Andrade e Franch (2012), cresce a preocupação sobre a violência na velhice, sobretudo, nas mulheres

Frente a essas reflexões, o interesse em desenvolver determinada temática apareceu na pesquisa de mestrado realizada no Centro de Aperfeiçoamento Integrado à Saúde – CAIS de Jaguaribe, espaço que trabalha com o atendimento voltado para o público diabético. Esse setor, apesar de ser aberto ao público acometido pela enfermidade de longa duração, é composto por – na

sua maioria – mulheres idosas, as quais faziam da sala de espera um lugar de discussão sobre os enfrentamentos da doença e da velhice em si.

Embora não fosse o ob

jetivo da pesquisa, ficou notório que a violência aparecia em suas falas, na maioria das vezes relacionadas com a saúde pública, mas também discutidas a partir de um cotidiano comum ou através das notícias trazidas pela mídia televisiva que faziam-nas refletir suas vidas. Em busca de ampliar o objeto de estudo, isto é, encontrar mais mulheres idosas que relatem ou discutam a violência na velhice, tornou-se necessário ir para o PSF, que diferente do CAIS de Jaguaribe, presta um atendimento “básico” a todas as idosas.

A reflexão busca buscar a voz das idosas, buscando observar e analisar como a violência de gênero aparece no âmbito da saúde nessa fase da vida, nas suas relações com seus pares e com os profissionais. A ideia é demonstrar que, embora as idosas tenham variados campos de atuação – dependendo do grupo que “decide” pertencer – a violência ainda é uma categoria que nem sempre está sendo percebida, contribuindo para sua camuflagem.

Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi necessário uma análise bibliográfica em torno da temática violência de gênero no contexto da saúde. O levantamento bibliográfico é uma maneira de demonstrar para o pesquisador o que vem sendo discutido sobre o tema que se deseja estudar. Embora o interesse em refletir sobre a violência de gênero na velhice tenha partido de uma pesquisa de mestrado, optei por não aproveitar o campo, mas sim, deslocar a reflexão para a atenção primária de saúde, haja vista tem uma demanda maior de mulheres. Ao realizar dado recorte, foi possível ter acesso a mais bibliografias que realizavam dada discussão, portanto, o trabalho traz questões *a priori* apenas do âmbito bibliográfico.

Resultados e Discussão

A inquietude no que diz respeito ao processo de envelhecimento faz-se constante desde o século XX, porém, é no século XXI que a temática ganha força na sociedade brasileira, configurando a velhice numa categoria social. Sabendo que determinada discussão atravessa múltiplas teorias e pesquisas, cabe nesse momento, destacar as principais arguições no âmbito das

Ciências Sociais em torno do envelhecimento feminino e sua relação com a violência, principalmente no Programa Saúde da Família – PSF.

Ao nos interessarmos pela velhice feminina é relevante perceber que, direta ou indiretamente, também falamos de violência, omissão, exclusão, (des)cuidado e não apenas de conquistas, as quais podemos citar: envelhecimento ativo, atividades nos espaços públicos, Estatuto do Idoso, etc.

Segundo Britto Motta (2014), isso acontece porque existe uma relação de poder presente em alguns segmentos da população que contribuem para o privilégio de alguns grupos e exclusão de outros, como a velhice, especificamente, a velhice feminina.

Para a cientista social, a teoria social contemporânea também tem deixado claro que determinadas preferências resultam em exercícios de poder e desigualdades sociais, fazendo-se presente, sobretudo nas categorias de gênero, geração, raça e classe social. No caso do gênero e geração, podemos verificar em seu estudo, que ainda podemos contar com uma invisibilidade das mulheres mais velhas na sociedade moderna.

Por sua vez, Cabral (2005) argumenta que as idades fazem parte de um sistema que classifica e que relaciona os percursos da vida. Debert (1999) foi inclusive uma das pioneiras em chamar atenção das idades como fundamental para organização social. Desse modo, a geração pode ser vista como uma categoria dinâmica que está em oposição a outras categorias, como a de gênero. Para Britto Motta (1999), porém, ambas categorias podem expressar as relações de poder presentes na organização social.

Desse modo, é importante frisar que a violência que está sendo tratada não é apenas vinculada à Institucional, mas a que se faz presente na vida das idosas de variadas maneiras, principalmente a partir do gênero, como: negligência ou falta de liberdade de expressão. No âmbito Institucional é comum encontrarmos os maus-tratos às idosas a partir da recusa ou omissão dos cuidados; já a violência intrínseca ao seu cotidiano aparece com mais frequência a partir dos familiares e amigos, demonstrando como podem ser “punidos por envelhecer” (ALENCAR, 2005). Numa perspectiva geral, a violência está relacionada a tudo que reduz o indivíduo numa condição de objeto (CHAUÍ, 1986).

Com base no pensamento de Minayo (2005, p.5), a violência contra o idoso tem aparecido no âmbito do direito, da assistência social e da saúde. Para a autora, “a violência contra os mais velhos se expressa nas formas como se organizam as relações entre ricos e pobres, entre os gêneros, as raças e os grupos de idade nas esferas de poder político, institucional e familiar”.

Considerações Finais

Podemos concluir que, como também dirá Otosuka (2010), existem diferentes percepções da violência contra os idosos. Este autor argumenta que a Organização Mundial da Saúde – OMS define violência como uma ação que cause danos ou angústia a pessoa idosa. Deste modo, sua concepção de violência variará, haja vista pode ser considerada como: estrutural – advinda da desigualdade social; institucional – advinda das Instituições assistências e interpessoal – advinda das interações do cotidiano.

Quando direcionamos a violência de gênero para o âmbito da saúde pública, podemos acentuar que o descaso já é uma maneira de caracterizar a violência contra as idosas. Determinadas violências acontecem porque a sociedade moderna diante de diferentes mudanças e ações políticas, ainda não olhou com mais cuidado para os idosos, nesse caso específico, para as idosas.

Desse modo, é relevante saber que a violência de gênero é um conceito que está relacionado com a violência contra a mulher, não estando apenas delimitada a violência física, mas também a violência sexual, moral, etc. Para Chauí (1986), a violência tem a capacidade de alienar o sujeito, isto é, fazendo-o nem sempre perceber que está à mercê do dominador.

Com relação a violência de gênero, o dominador – geralmente- é o homem. Porém, como discute Ferrante et al (2009), isso não significa dizer que as mulheres são passivas e vítimas das situações impostas. Pelo contrário, o autor analisa a violência de gênero como resultado de uma negociação malsucedida, na qual a mulher é mais penalizada. Assim, buscar pesquisar a violência de gênero, é se propor a entender as ações violentas que acontecem em contextos relacionais. (BANDEIRA, 2014).

Como acredita Alencar (2005), a violência não é um conceito novo, haja vista está em todos os lugares, afetando diferentes grupos. Desse modo, é necessário levar em consideração que há grupos mais vulneráveis que outros, como as crianças e as velhas, tornando-se o grupo que mais sofre violência social. Bourdieu (1983), chama atenção para o fato de determinadas classificações por idade impor limites de atuação na sociedade. Assim, dada situação acarreta em rotulações, contribuindo para que as idosas sejam vistas como dependentes, frágeis, com tempo ocioso, algumas vezes doentes, mas sem ser foco vulnerável de violência.

Debert e Oliveira (2012) quando discutem a feminização da velhice, chama atenção para o fato que a violência contra os idosos é, sobretudo, violação dos direitos humanos. Essa visão passa a enxergar a violência contra os idosos como um problema social, surgindo o interesse de compreender e classificar quais tipos de violências são essas e quais idosos podem ser vítimas.

Em outro estudo, Debert (2013) discorre que a mulher na velhice sofre uma dupla vulnerabilidade, pois além de sofrer discriminação por ser mulher, passa também a sofrer por ser idosa. Isto quer dizer que, o lado reprodutivo da mulher passa a estar relacionado com a perda. A autora diz que essa visão sobre a velhice varia, pois também podemos encontrar estudos que acreditam que a velhice feminina seja menos violenta que a do homem, resultando numa pluralidade do ser idosa.

Para Alencar (2005), a violência contra a idosa aparecerá nos estereótipos negativos, nas desqualificações como pessoas, etc. A violência também pode aparecer diante da dependência causada por uma doença de *longa duração*, sendo uma violência causada não só pelos mais próximos, como também pela as organizações assistenciais. Percebe-se, portanto, que os problemas que abarcam as idosas não são apenas de ordem estrutural, mas também de ordem conjuntural, capaz de enfraquecer as relações sociais.

Determinado contexto soa contraditório, haja vista estamos nos referindo de uma categoria social que cresce cada vez mais, que geram despesas, etc. Segundo Britto Motta (2009), ainda que o envelhecimento tenha se tornado um problema social, sua expressão e preocupação em torno das problemáticas que acometem a velhice, ainda é tardia.

Referências

ALENCAR, R. Punidos por envelhecer. In: **Estudos Interdisciplinar no envelhecimento**. Porto Alegre, 2005.

ANDRADE, M. FRANCH, M. “Eles não estão pra nada”: Sexualidade e Processos de Envelhecimento na dinâmica do Programa Saúde da Família. In: **Mediações: Revista de Ciências Sociais**, 17(2): 41-56, 2012.

BEAUVOIR, S. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BANDEIRA, L. Violência de Gênero: A construção de um campo teórico e de investigação. In: **Revista Sociedade e Estado**, 2014.

BRITTO DA MOTTA, A. Gênero, Geração e Velhice: Omissões e discriminações. In: **Fazendo Gênero 10**, Florianópolis, 2013.

_____. A despreocupação social com a violência contra as pessoas idosas. In: **18º REDOR**, Pernambuco, 2014.

_____. Violência contra as mulheres idosas: questão feminista ou de gênero? In: **LASA**, Rio de Janeiro, 2009.

_____. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. In: **Cadernos Pagu**, 1999.

_____. Violências Específicas aos Idosos. In: **Sinais Sociais**. Sesc – Departamento Nacional. Rio de Janeiro, 2013.

BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra. In: Bourdieu, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **A profissão do sociólogo**: preliminares epistemológicas. Petrópolis: Vozes, 1999.

CHAUÍ, M. **Conformismo e resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DEBERT, G. Feminismo e Velhice. In: **Sinais Sociais**. Sesc – Departamento Nacional. Rio de Janeiro, 2013.

_____. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: FAPESP/EDUSP, 1999.

DEBERT, G. OLIVEIRA, A. O idoso, as delegacias e os usos da violência doméstica. In: MORAES, Aparecida; SORJ, Bila (Org.). **Gênero, violência e direitos na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

DEBERT, G. GREGORI, M. Violência e Gênero: Novas propostas, velhos dilemas. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 2008.

_____. A feminização da violência contra os idosos e as delegacias de polícia. In: **Dossiê – O final da vida no século XXI**, 2012.

DUMARA, N. **A violência contra o Idoso**. Curso de Especialização em Políticas de Gestão em Segurança Pública. Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão da PUC-SP. São Paulo, Junho de 2007.

FERRANTE, F. et al. Violência contra a mulher: Percepção dos médicos das unidades básicas de saúde da cidade de Ribeirão Preto, São Paulo. In: **Interface**, 2009.

GARRIDO, E. Na velhice também? O PSF identificando mulheres em situação de violência doméstica. MOTTA, A. (Org.) **Reparando a falta**: Dinâmica de gênero em perspectiva geracional. Salvador: UFBA, 2005.

LINS DE BARROS, M. “Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice”. In: LINS DE BARROS (org.). **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos Antropológicos sobre Identidade, Memória e Política (3.^a ed.), Rio de Janeiro, FGV Editora, 2003.

_____. **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 3^o ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

MENEZES, M. Violência contra os idosos: É preciso se importar! In: BERZINS, M. (Org.). **Rompendo o silêncio: faces da violência na velhice.** São Paulo, 2010.

MINAYO, M. **Violência contra idosos: relevância para um velho problema.** Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2003.

_____. **Violência contra os idosos: O avesso do respeito à experiência e à sabedoria.** Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005.

OTSUKA, J. **Velhice e Violência: Na esfera judiciária no Estado do Tocantins.** Dissertação em Gerontologia, São Paulo, 2010.

SCHRAIBER, L. et al. Violência contra a mulher: Estudo em uma unidade de atenção primária a saúde. In: **Revista de Saúde Pública,** 2003.